

# Lança o teu pão sobre as águas (sobre o *Qohélet / Ecclesiastes*)

com Maria Filomena Molder

Jorge Molder. Fotografia da série *The Secret Agent*, 1991



**3 de março**

Questões de filologia

**17 de março**

Redução do princípio do terceiro excluído

**24 de março**

Contra a idolatria do cérebro,  
a atenção ao ventre

**31 de março**

Teologia mínima: o conceito de limite

*Lança o teu pão sobre as águas* é o primeiro versículo do capítulo 11 de *Qohélet* e introduz-nos imediatamente na atmosfera enigmática e não sentencial deste livro do *Antigo Testamento*. A tradução em português é minha, feita a partir da tradução italiana do “poema do Velho”, assim o qualifica Guido Ceronetti, que desde 1955 o leu e tentou traduzir. A sua primeira tradução publicada data de 1970, seguiram-se as de 1984, 1987, 1991. Em 2001 publica a última versão, embora não definitiva, como se irá perceber e porquê.

*Qohélet* não é o nome de ninguém. Na *Vulgata* passou a *Ecclesiastes*, aquele que

reúne, congrega, chama à reunião. Que tem ele para nos dizer? Coisas amargas, que despertam a repulsa, coisas inesperadas e surpreendentes, coisas que se contradizem e não podem deixar de se contradizer. Nenhuma delas nos deixa indiferentes. Trata-se de um conjunto de axiomas e não de provérbios. Não foi escrito para ser comentado por filósofos ou teólogos, mas para ser decifrado. Os axiomas ficam abandonados a eles mesmos, não fazem parte de uma cadeia dedutiva. Ter chegado a eles é sabedoria, e isso implica ter visto “estas coisas” repetidamente. Por isso as repetições não são problemas de estilo.

*Qohélet* não consola, dele não se pode tirar uma moral repousante que atribua sentido à vida, o que não deve ser confundido com Deus, porque Deus é uma evidência, o sentido da vida não. Como não sei hebreu, e os meus conhecimentos de grego são rudimentares, só posso comparar as traduções de Ceronetti com as de outras línguas europeias, em particular, inglês, francês, alemão. Ele próprio fornece essa possibilidade.

Por consequência, tenho em vista não só comunicar aquilo que vi nas palavras traduzidas de *Qohélet*, nas quais sopra o vento *famélico*, como promover a iniciação ao singular pensamento de Guido Ceronetti.

Maria Filomena Molder

**Redução do princípio do terceiro excluído**

“*Qohélet* (o *Ecclesiastes*) é um livro estranho”, assim começa Haroldo de Campos a introdução à sua tradução do *Poema Sapiencial*. Se nada soubermos, será igual, mas se já tivermos lido o livro, nem que seja uma vez, não poderemos evitar um sorriso pelo ascético qualificativo: “estranho” parece o mínimo que se pode

dizer. E, no entanto, talvez seja tudo o que pode ser dito acerca do sentimento de ter entrado num deserto de sede e vento famélico, numa lucidez que apaga qualquer ilusão, num coração cheio de fúria. Este é o livro em que, ao invés do que é cantado no terceiro estásimo do coro no *Agamémnon* de Ésquilo: *peço sofrimento, o conhecimento*, se ouve em I, 18:

*Pois § em muito saber § muito sofrer \$\$\$  
E onde a ciência acresce § cresce a pena*

Verdadeiro anti-provérbio no dizer de Henri Meschonnic. Este “anti” convém ao que estará em causa na “redução do princípio do terceiro excluído”: o que é conhecer, o que é a ciência, o que é compreender? *Qohélet* não chegará a fazer estas perguntas pela última vez, devido a um obstáculo inexpugnável, a saber, a insondabilidade de Deus. Obstáculo que é inseparável de um outro, segregado pela visão do destino comum dos que vivem sob o sol, a morte, aquela que não olha às diferenças entre os homens, aquela que obriga a um inquérito sobre a separação entre homens e animais, isto é, o filho do homem está condenado à obscuridade (Ceronetti).

Entre os pensadores gregos a tendência antinómica do *logos* foi sempre temperada pelo esforço de superar as antinomias. Em *Qohélet* o afã de conhecer reduz a cacos esse esforço, “excesso inútil”.

**Maria Filomena Molder** é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Leitor de Baudelaire*, Relógio d’Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d’Água, 2014.

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS DE 3 A 31 DE MARÇO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO